

Discurso de aniversário 2019.

Assembleia Geral da Comissão Mineira de Folclore,
em 15 de junho de 2019, no auditório da Fundação
Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Depois de tratar dos assuntos da pauta, a presidente Miriam Stella Blonski passou a palavra a José Moreira de Souza para saudar o sócio Antônio de Paiva Moura, que no dia 13 do mesmo mês havia completado 80 anos de vida. Moreira mostrou aos presentes a publicação do jornal “Carranca”, órgão oficial da CMFl, com homenagem a Antônio Moura. Fez apreciação das obras historiográficas e literárias do homenageado, mostrando afinidade dos assuntos tratados com a sua personalidade e trajetória de vida. Em seguida a presidente Miriam Stella Bronski apresentou ao público e entregou ao homenageado uma placa que marca a aprovação de se seu nome como presidente de honra da Comissão Mineira de Folclore.

Sinto-me muito feliz de estar em reunião com meus amigos e recebendo tão calorosa homenagem. Durante toda a minha vida duas instituições pelas quais passei e ainda estou passado que marcaram profundamente a minha existência. A primeira é a Escola Guignard. Em 1968, na condição de técnico em contabilidade da Imprensa Oficial, fui designado para fazer um inventário nos bens da escola que havia sido passado à condição de escola pública de artes plásticas. Fiquei impressionado com a riqueza dos acervos de documentos e artísticos, mas encontrava-se ameaçados de perda por falta de organização e zelo. O modo de levar a vida dos alunos, professores e funcionários da escola me encantou. Era para eu realizar a primeira tarefa em um mês e voltar à Imprensa Oficial, mas acabei ficando lá 32 anos.

Em 1982 fui incumbido pela Coordenadoria de Cultura do Estado para organizar o Centro de Informações Folclore em um conjunto de salas na Rua dos Carijós, em face de convênio com a Comissão Mineira de Folclore. O Centro de Informações Folclóricas não contava com material para informações e o Museu de Folclore a ser instalado ali, não tinha peças, isto é, o acervo da Campanha Nacional de Folclore e de Saul Martins não pertenciam nem ao Estado e nem à Comissão Mineira de Folclore, O que havia de concreto era a Comissão Mineira de Folclore, que além de ter um rica história, contava com um corpo associado de alta formação intelectual. Percebi que tinha que cuidar da Comissão Mineira de Folclore que não tinha um acervo documental, isto é, que não passava de um livro de atas.

Antes daquela data eu já conhecia o professor Aires da Mata Machado, em Diamantina; o professor Saul Martins, quando ele fazia parte do Conselho Consultivo das feiras de arte e artesanato de Belo Horizonte; o professor José Moreira de Souza que frequentava o Arquivo Público Mineiro; Lázaro Francisco da Silva que era meu colega de magistério no UNI-BH; Orville Colombo de Conti, que foi aluno da Escola Guignard, Mesmo antes de ser admitido como sócio eu já frequentava as assembleias da Comissão Mineira de Folclore, na condição de ouvinte e secretário “ad-hoc”. Foi assim que fiquei conhecendo os demais sócios e com eles estabelecendo amizades. Entre estes não posso deixar de mencionar os nomes de Domingos Diniz, José Moreira de Souza, Zanoni Neves e Jupyra Dufles Barreto.

A razão de tanto reconhecimento pela Escola Guignard e pela Comissão Mineira de Folclore é que, através delas, me identifiquei muito com as pessoas que as constituem. Nelas, as pessoas estão sempre doando e trabalhando no sentido buscar o saber viver, o espelho da vida e não aprender para ganhar a vida e ficar só nisso.

Muito obrigado a todos presentes, por tudo e por essa homenagem.